

-se mais violenta. Mas, ainda em dezembro de 1829, pontificava, serenamente: "Nada de jacobinismo de qualquer cor que ele seja. Nada de excessos. A linha está traçada — é a da Constituição. Tornar prática a Constituição que existe sobre o papel deve ser o esforço dos liberais". Mais adiante, seria categórico: "Queremos a Constituição, não queremos a Revolução".

Quando a esquerda liberal irrompeu, com o ímpeto de movimento antes represado, a *Aurora Fluminense* manteve sua posição recuada: "Confundem alguns a violência, o furor com a energia, estão persuadidos que a moderação é indício de fraqueza, que em política se deve lançar mão de todos os meios para sustentar a causa de um partido, e que convém sair fora dos princípios para melhor os fazer triunfar. Nada mais perigoso do que semelhante doutrina, especialmente nos tempos de mudanças políticas e quando se opera nos costumes e nas instituições uma revolução, cujo complemento só pode ser obra do tempo, da reflexão e de cálculos sisudos". São palavras de 1830. A ascensão política dos liberais era já visível. Os cursos jurídicos ajudaram essa ascensão: no de S. Paulo, os cem alunos de 1829 passaram a duzentos e sete, no ano seguinte. As eleições para a nova legislatura, a de 1820-1831, confirmam ascensão⁽⁷⁰⁾. Evaristo da Veiga nela ingressaria, deputado por Minas Gerais, província em que jamais estivera. O jornalismo dava prestígio, realmente.

Uma das grandes forças da sociedade fluminense — hoje se escreveria sociedade carioca — era o comércio, de que participavam numerosos elementos estrangeiros, destacadamente portugueses, como era natural, ingleses e franceses. Os primeiros influíam na imprensa de maneira ostensiva e por vezes afrontosa, na época. Os franceses mantinham um jornal, o *Courrier du Brésil*, que discutia abertamente os problemas do país, em posição sempre reacionária, em contraste com o papel destacado que os elementos franceses tiveram aqui, no desenvolvimento da tipografia e do jornal. Os ingleses mantinham *The Rio Herald*, em que defendiam os seus interesses,

já existia. Note-se que tratar assim o tema não importava em escândalo, na época. Feijó foi o campeão da luta contra o celibato do clero, como se sabe.

(70) "Um dos fatos mais característicos da nossa história é o seguinte: 1º) que durante todo o primeiro reinado, não só nunca Pedro I conseguiu alcançar na Câmara dos Deputados uma maioria sua; mas que ainda indo a Minas e aí se empenhando com todas as suas forças pela reeleição de um de seus ministros, nem isto sequer ele o pôde conseguir; 2º) que durante a menoridade ou todo o período regencial quem exclusivamente governou o país foi a Câmara dos Deputados, e por tal forma que todos os governos desse tempo nada mais foram do que simples executores da sua vontade; e 3º) finalmente, que durante todo o 2º reinado, ao passo que não houve um só governo que presidisse uma eleição, que a não ganhasse, por outro lado, a Câmara dos Deputados foi constantemente perdendo do seu prestígio e por tal forma que, ultimamente, o seu poder, em vez de real e efetivo, como deveria ser, foi pelo contrário se tornando cada vez mais um simples poder de ficção". (Francisco de Paula Ferreira de Rezende: *Minhas Recordações*, Rio, 1944, pág. 123).